



Revista PsiPro
PsiPro Journal
1(1): 58-94, 2022
ISSN: 2763-8200

Artigo

HERMENÊUTICA DO AMAR-SER ENQUANTO ÉTICA DO VIVER

HERMENEUTICS OF LOVE-BEING AS
ETHICS OF LIVING

Recebimento do original: 16/05/2022
Aceitação para publicação: 10/06/2022

Maurício Soares

Mestre em filosofia, pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente professor da FAFICA e Faculdade ASCES. mauriciopaparo@hotmail.com

RESUMO: O ensaio desenvolvido visa uma desconstrução da moral do dever-ser, que conduziu e ainda é posta como horizonte para a vida das pessoas hoje. Mediante as transformações sócio-existenciais e ecológicas, essa padronização moral não consegue atingir o nosso modo de ser como humanos no mundo. Partindo dessa compreensão e constatação, nos propomos introduzir no discurso ético o amar-ser enquanto hermenêutica do interpelar-interpretar dos valores da racionalidade conceitual, que teve como construção teórica o esquecimento do ser. A proposta aqui é passar da moral do dever para uma ética do ser, que se põe centrada na manifestação do eros amante no amado, buscando em nossa existencialidade o desvelar do ser na pertença solidária com todas as criaturas vivas. A ética que se centra no amar-ser elucida a dignidade humana acima do dever-ser. O amor é a condição de possibilidade do ser



se manifestar na existência ética dos humanos, viabilizando manter o sempre presente da pertença como eixo das atitudes de si mesmo como outro em nosso horizonte de expectativa e espaço de experiência.

Palavras-chave: Dever-Ser, Amar-Ser, Interpelação, Interpretação, Pertença.

ABSTRACT: This paper aims to do a moral deconstruction of duty-being, which led and still is put as horizon for people's lives today. By the socio-existential and ecological changes this moral standardization can not achieve our way of being as humans in the world. Based on this understanding and realization, we propose to introduce in the ethical discourse the loving-being as hermeneutics of interpreting-interpreting of the values of the conceptual rationality, which had as theoretical construction the oblivion of being. The proposal here is to pass from moral duty to an ethic of being which sets centered on the manifestation of eros lover in the beloved, seeking in our existentiality the unveiling of being in solidarity to all living creatures. The ethics that focuses on the loving-being elucidated human dignity above the duty-being. Love is the condition of possibility of being manifest itself in the ethics of human existence, making it possible to keep the ever-present as axis of the attitudes of himself as another in our horizon of expectation and space of experience.

Keywords: Must-be, Loving-Being, Interpelation, Interpretation, Belonging.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Desde os primórdios da humanidade, nós seres humanos, tentamos procurar compreender a felicidade. Ora, procurar a felicidade é sinônimo de que não há temos? A felicidade não é uma coisa ou objeto que devemos encontrar por aí. Ela é algo que temos no nosso interior.



Felicidade é um modo de ser dos humanos vivenciada na alteridade. A questão é que procuramos definições para a felicidade. Quando procurarmos definir a felicidade, devemos manter sempre a consciência aberta, de que em seu plano ontológico vivencial as coisas não pode ser uma definição, pois, as definições são insuficientes para que possamos manter uma visão compreensiva e integrada do ser humano, em seu próprio existir no mundo.

Podemos dizer ainda: as definições são sempre parciais. Por isso são suspeitas, todas e quaisquer definições sobre o existencial humano em seu viver. As definições são sempre limitadoras, elas são movidas pela tirania da dominação do racional e do intelectual conceitual. (KUTSCHEAAUER, 2003: 15-24) A racionalidade metafísica dual, ao longo da sua trajetória especulativa manteve sempre entre parênteses e viu com desconfiança e detrimento o vivencial afetivo. A dimensão afetiva e amante ainda hoje não tem cidadania nos modos epistêmicos do pensar dentro das academias e no horizonte das ciências, porque o afeto não nos dá certezas lógicas, e isso é uma afronta à lógica cartesiana do pensar.

Partindo de uma abordagem hermenêutica do pensar-sentir no viver dos humanos no mundo, podemos dizer: a felicidade para os humanos é uma manifestação do existir em sua interação com o todo do viver, é interação pertencimento com toda criatura viva no mundo pois, o ser da felicidade é o ser, que, em última instância, se radica no amor. Sendo assim podemos dizer ainda: o ser humano em seu modo de ser e existir no mundo é felicidade em seu viver no partejo existetivo do amor. Por que dizemos que nós mesmos somos a felicidade? Porque ser feliz é o modo de ser, de nosso existir no mundo, em estreita harmonia e interação



com todos os outros que vivemos no amar, com os quais vivenciamos e partilhamos o habitar vivente no ser que podemos dizer: ser e amor em sua manifestação existensiva são um só. Um só não significa o mesmo, mas que no amor está o ser em sua manifestação. Assim a felicidade é tanto mais, quando mais se deixa ter como horizonte o ser (ARISTÓTELES, 1976: 2 ss), Interação com todas as criaturas vivas.

Só o fato de não se conhecer de antemão o que seja a felicidade, já nos é um indicador de que ser feliz é muito mais do que uma propriedade, é um existencial, que desperta em nós a capacidade de compreender que o viver feliz se encontra na totalidade do todo-que-a-tudo-reúne, no dar-se que constitui o ser.

O que estamos a falar pode parecer inicialmente como algo racionalmente incorreto, mas, levando em consideração a capacidade humana de entrar em interação com suas ambigüidades vividas, o canal natural para se pensar o ser humano, enquanto ser feliz é um autêntico trabalho hermenêutico que nos convida, dentro do princípio da interpretação, a nos compreender enquanto seres de interpelação e interpretação de um viver, que para se viver terá que amar seu ser. O que podemos entender por amar seu ser? O ser desvela a autoestima de si e pelos outros, em suas múltiplas potencialidades de ser (ARDUINI, 2002: 21-37), na interação de alteridade de seu poder-ser.

Podemos dizer, em outras palavras, que o lugar originário de compreensão do ser humano, em seu modo de viver e ser no mundo, está estritamente articulado com sua, capacidade de interpretar seu "eu", em seu existir-ser, enquanto vivente que desvela o ser, a partir, de um conhecimento prévio do seu modo de ser no mundo. Isso é: desde



sempre, nós humanos já sabemos que o ser feliz é, e está intrinsecamente ligado à nossa expressão interpretativa e interpelativa do sentido de ser feliz no mundo¹. Essa expressão sentido nos conduz ao autêntico do humano como humano, pois leva cada um a se tornar um no todo que a tudo envolve e reúne. Sentido se radica no ser, ou seja, o ser é nossa condição de possibilidade de compreender e viver uma vida feliz.

Felicidade é espírito que se radica no ser vivente, que ressignifica e vivifica o viver, nos fazendo renascer num constante vir-a-ser na vida.

Vivemos num mundo de prazeres sem felicidade. O prazer nos apresenta o ter das satisfações imediatas, manifestas em coisas que nos leva a um coração satisfeito, aos moldes de um estado de euforia, hoje manifestada na cultura do espetáculo. A felicidade é um nascer por dentro, desvelando a bondade do coração num maravilhamento da alegria no despertar o ser em seu viver amante na vida. O amor é a profundidade do bem, que abrange o ser e a verdade, o que significa dizer que ele é transcendente no ser, e é verdade, ele é o mais profundo do ser, é sua alteridade, o outro que se manifesta no ser, mas que se eleva do ser. Assim felicidade só pode ser compreendida no amor, per si e pelos outros.

Nós os humanos trazemos em nossa existência a ignorância do nosso viver: não sabemos de onde viemos, quem somos, não sabemos para onde vamos.² Sabemos que a ignorância constitui a nossa existência, e, por que somos ignorantes, vivemos continuamente procurando a profundidade do nosso ser, isso porque a ignorância reside no

¹ O Existir humano no mundo é noesis, é dá sentido ao seu viver. (MORA, 1994: 2568-2569)

² Estas são as perguntas originárias do humano no mundo. (GALANTINO, 2003: 5-44)



esquecimento do ser, pois no ser, desde sempre já se sabe. (Fromm, 1977)

A grande peripécia humana é a ousadia, que está marcada em todos os povos, em todas as culturas, em todos os tempos, como em todos os lugares e espaços do planeta. A ousadia revela que nós os seres humanos, do ponto de vista filosófico, somos sempre seres insatisfeitos, inconclusos e inacabados, nossa condição é o poder-ser do nosso a-si-fazer na vida. (ARDUINI, 2002: 38-50)

É diante da insatisfação que nós os humanos, mantemos nossa relação com o existente do mundo, num constante espanto e admiração, para que assim possamos, a partir do interior, mobilizar nossas forças sensuais, que nos permitem tomar conhecimento que, apesar de vivermos em busca de realização, encontramos no viver sempre a insatisfação do viver inconcluso da vida. (SUNG, 2001: 25-39) É na insatisfação que advém para nós o momento da consciência, no qual estamos inseridos sempre e continuamente à procura de nós mesmos. A esse modo da consciência nominamos de ser interpelado pela vida e ao mesmo tempo ser o interprete dessa interpelação que nos desvela a vida boa e feliz, que se dá no ser.

A partir da procura de si, homens e mulheres, em todos os lugares, e em todas as culturas que constituem a humanidade em sua diversidade, construímos sistemas pedagógicos predominantes que, de forma fictícia, fixam uma divisão do mundo, em material e espiritual.³ O que irá concretizar no indivíduo uma guerra contínua consigo mesmo. Essa

³ Essa divisão do mundo chegou a nós através da sistematização do mundo a partir de Platão. (MORA, 1994: 2795-2804)



dualidade entre o sensível e o supra-sensível de uma compreensão intelectual, dual, fez de nós, os seres humanos, sempre torturados por uma patologia do medo, patologia essa que provoca em nós o medo de ser feliz.

O dualismo herdado por nosso sistema racional tem levado a humanidade a um constante medo de si mesma, medo da auto-identificação, medo do outro e da diversidade do mundo, e de si mesmo como outro.

O medo é o aparecimento da ordem jurídica

O medo de si mesmo e do outro será constituído historicamente através dos sistemas filosóficos e religiosos. No caso das religiões, o medo tem levado a humanidade a sempre olhar para si numa perspectiva escatológica, de uma felicidade para lá em outra vida ou de uma felicidade sempre para o além do agora, em seu habitar o presente de um futuro que está sempre para lá. Assim se inicia a não estima de si mesmo em cada um de nós. (BOFF, 2003: 9-26) (FEUERBACH, 1998: 43-76)

Na filosofia, o medo tem levado sempre a condição humana para caminhos distantes da sua real condição, de ser humano em constante partejar de si mesmo. (MARX, 1984) A filosofia tem ao longo dos anos formatado sistemas de pensar que em sua trajetória histórica irão justificar os modelos de dominação pelo medo.

Os deuses criados pelos homens são por demais aterrorizadores. Para que os tratemos com relevância e reverência, eles se encontram



dentro de uma infra-estrutura do terror tão poderosa que podemos afirmar: inibe a qualquer um de nós, os humanos em seu viver no mundo, a ser feliz em nosso poder-ser. Esse poder-ser é a condição do ser humano, em seu existir, de criar o seu viver no mundo, tendo como horizonte as circunstâncias das possibilidades.

Dentro dessa estrutura de medo da divindade e de nós mesmos, o outro sempre aparecerá para o ser humano, como aquele que ameaça, que aterroriza, que tira nossa estabilidade efetiva e afetiva e pode anular a segurança do nosso viver. O outro é ameaça, pois dispersa-me no medo da divindade e de nós mesmo.

É dentro dessa perspectiva que podemos falar do aparecimento da ordem jurídica. Ela surge na história da humanidade, enquanto meio de possibilitar a este ser humano a encontrar segurança, criando estruturas de valores que sejam afirmação de um "eu" forte e todo-poderoso, sobre os demais que passam ameaça à minha estabilidade, em um universo de felicidade cheio de muita afetividade.

Os sistemas normativos que vão aparecendo ao longo da história da humanidade, vão tomando forma cada vez mais de autocontrole, onde o sujeito que procura a felicidade vai se adaptando a códigos e estruturas, que constituirão uma forma de controle do ser humano consigo mesmo, da mais abstrata e sutil relação com o universo, onde se inclui o divino e o misterioso. (FROMM, 1978: 118-165)

Mesmo que as normas sejam diferentes de povo para povo, mesmo que os sistemas religiosos e espirituais sejam opostos de um povo para outro povo e de religião para outra religião, o que interessa aqui é registrar o fato, de como a existência do normativo criado pelos homens,



enquanto forma de controle, distancia este ser humano de si mesma e dos outros na busca de uma vida feliz.

Do ponto de vista filosófico podemos dizer: as normas que emergem na história da humanidade a partir da racionalidade abstrata têm como esfera normativa o conflito entre o ser e o dever-ser do humano em sua historicidade. Ora esse distanciamento do ser no dever-ser, faz com que nós os humanos esqueçamos o nosso vir-a-ser como condição primordial de possibilidade. (KUTSCHEAAUER, 2003: 15-24)

O ser é a nossa condição de possibilidade de uma vida feliz, seu começo e seu fim. É só a partir daqui que se pode pensar a essência ontológica da felicidade, da liberdade e da vontade.

A problemática da norma consiste em anular a busca do humano de si mesmo, fazendo com que esse se ajuste a sistemas complexos, que fogem à compreensão sensível para que se possa cada vez mais submeter seu viver à força e à obrigação do dever-ser. Durante longo tempo, as normas exerceram no ocidente uma fundamentação e proteção em sistemas de valores que justificam o status quo de dominação de uma minoria sobre as demais maiorias desprovidas de seu poder de ser.

Os sistemas de valores são trabalhados a partir da patologia do medo, fazendo com que os valores se tornem para nós seres humanos, não uma procura de nós mesmos, em nosso viver, mas, direciona o viver humano para estar continuamente alinhado a estruturas de poder que subvertem o nosso poder-ser de autocriar o viver na auscultação do ser.

As normas são formas pelas quais a sociedade exerce o controle sobre seus indivíduos. O grande momento histórico onde se incorpora a



personalização da norma é a partir da civilização romana. (ROSTAVTZEFF, 1977: 79-183)

Os romanos, ao criarem o império, sobre a vasta extensão da terra, criaram um sistema de normas precisas e estruturais. Através delas garantiram o controle de todas as populações. O direito romano passou a ser constituído como direito universal, no qual todos os humanos devem estar submissos. Roma tinha obsessão pelo poder. Isso criava a necessidade política de controle total dos vividos em toda a terra conquistada, dos grupos, das culturas, das sociedades. Para esse propósito, os romanos tinham como base estrutural sua estrutura normativa.

O conceito de "mores" para os romanos era fundamental. Mores é poder sobre os hábitos e costumes, dava aos romanos um controle altamente eficiente, no domínio dos povos, através da uniformização do informal cotidiano, em consequência, o controle das massas. (BOFF, 2003: 37)

Ainda hoje se defende a ferro e fogo esse esquema que herdamos dos romanos através da civilização cristã. Entre os diversos conflitos existentes entre fé cristã e instituição romana, o que vamos observar ao longo do processo histórico é que, de forma muito sutil, Roma toma posse do cristianismo, e não o inverso, como se costuma afirmar, fazendo com que seus efeitos culturais nos atinjam ainda hoje. (TARNAS, 2000: 141-158)

Para assegurar a patologia do medo, durante a idade média foi introduzido, cada vez mais, o medo dos indivíduos e dos grupos se perceberem a si mesmo em sua dignidade humana. Durante o longo



período da idade média a instituição cristã aterrorizou a consciência dos povos, com uma compreensão de um deus tirânico e castigador, àqueles que não cumprem a sua vontade e não se submetem às suas normas e que sublevassem contra o sistema ou a instituição constituída, deverão ter como herança o fogo do inferno na outra vida, e nessa, a santa inquisição. (TARNAS, 2000: 179-182)

O medo corrói as entranhas da humanidade, faz com que cada um de nós nos distanciemos de nós mesmos em nosso viver. A pedagogia do medo faz com que seres humanos se ajustem a normas, se aliem a sistemas, e se distanciem de si mesmo, enquanto busca afetiva da sua existência no mundo. (ARDUINI, 2002: 38-50)

Compreensão da moral de comportamento

O grande fracasso epistemológico da construção ética do ser humano consiste no assento de uma compreensão do humano enquanto puro e simplesmente ser racional. (TEIXEIRA, 1999: 24 ss) Dentro de uma epistemologia do amor que tem seu ponto de partida o próprio ser, é necessário tirar a exclusividade do racional, evitando cair num objetivismo de estudo sobre a ética enquanto conteúdos conceituais, para entregar-se ao inteiro do sujeito humano em seu modo de ser afetivo e ser pensante que busca ser feliz.

Para Heidegger, a filosofia é uma hermenêutica do ser-aí, se é assim, podemos dizer filosoficamente, que a tarefa filosófica é ser uma hermenêutica do humano no mundo. Do ponto de vista filosófico, este ser humano é rascunho, não é determinado, é inconcluído. Nessa perspectiva



podemos falar do humano como aquele que está continuamente numa atitude de inacabamento do seu viver e ser feliz no mundo. (THOMAS, 1989: 83-120)

A filosofia, hoje, para abordar o tema da ética, precisa desvendar e libertar-se do atropelo do racionalismo do passado, das configurações herdadas a respeito do comportamento humano.

Do ponto de vista científico, é a psicologia quem se ocupa do comportamento humano; e do ponto de vista filosófico, é a ética que, em seu constante processo de reflexão das atitudes humanas, nos convida a uma postura pela qual e na qual, cada um de nós poderemos refletir criticamente as nossas práticas ou ações no mundo, tendo em vista, cada vez mais, a responsabilidade do agir humano no mundo, na sociedade, e para com os sujeitos éticos da ação no mundo da vida com todas as criatura, que cada um dos indivíduos temos de refletir.

A moral, tradicionalmente formulada de mil maneiras, enfatiza o dever-ser, que impulsiona o ser humano a fugir de si mesmo, ou o que é pior: eliminar o seu ser. Conformar o ser humano, numa perspectiva normativa de suas ações, a um deve-ser compulsivo, é condená-lo ao não conhecimento de seu próprio ser em seu modo de ser no mundo, é desviá-lo do caminho do ser, ou seja, é tira-lhe do dar-se do ser, que nos possibilita desvelar o nosso próprio ser em nossa mundanidade.

Podemos assim dizer, a moral do dever-ser asfixia o ser humano, em sua expressão e, ao mesmo tempo, é fonte de angústia e desequilíbrio para este ser humano, pois em vez de avaliar o seu viver na perspectiva da realização do seu ser-aí, este ser humano deixa o seu ser para uma moralidade das aparências uniformizadas, onde seu comportamento é



uma atitude de anulação do seu viver-ser no mundo. Um ser humano anulado é um ser infeliz, pois, está alienado e distanciado do ser que borbulha em nós ao desvelar-se no mistério de amor, a isso chamamos de vida infeliz. Já dizia Santo Irineu: “A gloria de Deus é o ser humano Feliz”.

O ser humano enquanto ser racional e afetivo é uma atitude conflitante. Prender-se ao racional é ficar prisioneiro de si mesmo, é ensimesmamento egóico, é procurar através de sistemas de valores eliminar o conflito no ser humano. O estatuto de consciência da racionalidade pretende eliminar tudo que é obscuro e conflitante. Pretende suprimir a ignorância, através de um sistema impositivo, dogmatizado, estereotipado paradigmaticamente pela racionalidade, afirmando essa como solidez, que tende a um fanatismo epistemológico na construção do conhecimento valorizativo do ser humano. Atribuir valor é reduzir o ser humano a predicados ou atributos, que reduzem a sua inteireza ontológica. Heidegger em seu pensamento sobre o ser nos aponta que os valores nos descentram do ser, pois eles são subjetivação. Ao valorar as coisas o que se toma em consideração é a sua objetivação no valor, perdendo-se a sua totalidade de ser. Uma crítica aos valores não significa tocar as trombetas da ausência de valores, mas é compreender que o ser humano, não poder ser reduzido a um sistema de valores que subjetiva o ser, em suas entificações. (HEIDEGGER, 1995: 72-84)

Esse modelo de ser humano racional da valorização coloca a existência do humano acima de todos os seres, fazendo-o sentir-se rei da criação, onde sua tarefa, fundamentalmente, é a dominação e exploração



de tudo que ele disponha à mão⁴. Essa e a herança herdada pela técnico-ciência moderna da razão metafísica, das categorias valorativa das coisas, transformando-se em razão instrumental.

O ser racionalista da subjetividade metafísica tem medo da vida afetiva, ele se nega a sair do seu egocentrismo mórbido, para que assim o humano do ser humano possa libertar-se. O ser humano, em sua condição humanizante, exerce a sua liberdade em harmonia e interação de pertença com suas forças afetivas que possibilitam, cada vez mais, uma interação com todos e como tudo. A liberdade se radica no amor é a nossa determinação para o bem, ela é tanto maior quanto maior for sua ligação ao bem, que se funda no ser, não podemos compreender a liberdade desvinculada do ser.

Colocar o racional acima do afetivo significa negar do humano as suas potencialidades de interação e de diálogo com os outros e com o todo que a tudo reúne. É reduzir a liberdade, a disposição do ente e de si mesmo, é terminar apenas no empoderamento do si mesmo, quando na verdade só temos a nós mesmo no confronto com o ser, na determinação para o bem.

O animal racional está sempre centrado no poder da razão que em nossa civilização ocidental, desde há muito tempo, foi desconectado do ser, para que, assim, a razão possa dominar e imprimir seu poder sobre todas as coisas, e todos os seres humanos. Dentro dessa perspectiva da racionalidade, que domina o ser humano e o universo, é que podemos

⁴ Esse modelo de racionalidade foi legitimado por Francis Bacon na aurora da modernidade. (MORA, 1994: 2795-2804)



abordar o ser humano descentrado em si mesmo, e que é um ser indisposto ao diálogo de si mesmo para com os outros, e indisposto ao diálogo para com todas as coisas e criaturas vivas. A instabilidade da razão é colocar o humano acima de tudo e de todos fechado, a si mesma e aos outros, num simples cumprimento puro do dever-ser.

O humano que tem a sua vida centrada numa racionalidade que instrumentaliza o mundo e a si mesmo não pode ser feliz. Tem sempre a dificuldade de ser feliz. Não quer aceitar a felicidade dos outros. Para tanto esse ser humano cultua o dolorismo, sendo essa a forma do racional sobrepor-se à afetividade pela qual todos nós somos chamados a uma interação com tudo e com todos no desvelar do amor que constitui o manifestar do ser em seu dar-se em todas as coisas. O animal racional conquista o mundo, mas fica prisioneiro de sua conquista. Suas conquistas são armadilhas criadas na entificação do ser pelos conceitos racionais. (HEIDDEGGER, 1995: 72-84)

O ser humano que centra o seu ser, enquanto simples racionalidade tem como estrutura de pensar uma visão bipolar da realidade. Para esses, o universo se compõe de partes opostas. Ele pensa em termos de composição e decomposição, e tem grande dificuldade de pensar em termos de interação, integração, relação, e todo tipo de unidade que viabiliza a inteireza da razão com o todo do humano no mundo, aqui reside o ser do pertencimento. A pertença é reciprocidade com o todo. A unidade para o ser humano racionalista é algo muito difícil de ser aplicada, pois, a unidade exige profunda interação com as muitas diferenciabilidades do viver no mundo.



É dentro dessa perspectiva que podemos dizer, quando se acentua a dimensão racionalista do ser humano, a forma de se falar da ética tem como aspecto identificar-se com uma linha de comportamento aceito por todos numa cultura em que tudo corresponde a um sistema de valores. É na simulação e assimilação das experiências da história de vida de outros que grupos alinham o seu viver a uma obscura teleologia, que interroga as suas ações de ser humano, mas não se pergunta sobre o sentido propriamente dito desse ser humano. Através dessa perspectiva podemos dizer que este modelo de racionalidade confunde ética com modelos de comportamento, criando assim a moral do dever-ser.

Colocar a ética como modelo de comportamento é negar o exercer da reflexão crítica interpelativa e interpretativa diante das ações humanas, dando prioridade ao elenco de fórmulas que demonstram e determinam atitudes que devem ser universalizadas em forma de imperativos aos quais todos possam seguir e se ajustarem, esse é o modelo da moral Kantiana.⁵ Ora, interpretar a ética como modelo de comportamento é tirar a sua vitalidade enquanto momento originário-originante, onde somos todos convidados a encontrar a reflexão interpelante dos comportamentos. Ética é um modo de ser, de como nós humanos, na diversidade do nosso ser, podemos encontrar sentido, no próprio sentido de ser humano na busca de nossa humanidade, e estabelecermos uma relação de responsabilidade de tudo para com todos no mundo, num procurar uma vida boa e feliz pra todos⁶.

⁵ A moral de comportamento teve sua expressão máxima na razão iluminista, presentificada no pensamento de Kant, como imperativo do dever-ser. (Kant, 1974)

⁶ A reflexão ética é uma atitude do humano a partir da sua significação no mundo. Ética é uma reflexibilidade do sentido que o ser humano dá ao seu existir no mundo. Só podemos falar de atitude



Interpretar a ética como modelo de comportamento é fazer com que ela saia do plano de uma filosofia do ser e passe para o plano de uma filosofia moral ou deonoética, onde o que é relevante é perceber as ações que os seres humanos fazem, e se elas são compatíveis com os códigos já estabelecidos, mas não dão relevância ao sentido que este ser humano dá às suas ações, e muito menos o sentido que este ser humano dá a si mesmo.

A racionalidade humana fechada em si, consegue fazer com que essa tenha a sua valorização num sistema de valores, que pretende ser uma forma de controle do racional sobre o conjunto das pessoas em sua busca de felicidade. Priorizar a racionalidade unicamente significa despojar o ser humano do afeto, e também privar o ser humano de sua profundidade afetiva, colocando os valores para que o ser humano não possa encontrar a compreensão de seu ser, em seu próprio viver no mundo, mas tomando como compreensão do seu ser aquilo que outros deram ao seu viver como valores para o seu viver.

O resultado é a criação de sistema de valores, nos quais o ser humano se avalia e avalia aos outros, criando e aplicando assim um sistema de controle social, ao mesmo tempo sendo os valores um mecanismo tirânico que inviabiliza qualquer interação entre os seres humanos, mas faz com que todos ajam segundo o mesmo padrão, criando uma forma de viver, onde a compreensão mútua entre os seres humanos é anulada, o diálogo fica inexistente, pois todos devem ajustar-se ao padrão social. (ARDUINI, 2002: 67-89)

ética quando essa é acompanhada do sentido que o sujeito da ação dá ao ser do seu viver na interação com o mundo.



O desprezo de si e das diferenças será uma constante no processo da razão intelectual, onde o relevante será a padronização dos seres humanos, e que estes estejam alinhados a uma perspectiva de ser, na qual uns tornam-se para os outros modelos de comportamento, e todos devem se igualar a uma formação estabelecida para um mesmo comportamento social.

Procurar ultrapassar essa perspectiva do ser humano racionalista, em seu abstrair do próprio comportamento, é manter como horizonte a compreensão filosófica crítica interpelativa e interpretativa, de que o ser humano é capaz de sair ao encontro de seu ser, buscando a cada dia mergulhar na profundidade do seu viver. É a partir da razão hermenêutica que podemos falar da superação do ser humano, enquanto simples animal racional, para se integrar ao universo que o põe no mundo de modo adverso, na qual suas potencialidades e expressões lúdicas conjugarão seu ser, em seu autocriar do viver na profundidade do bem. O evento do ser que se desdobra na ética é o luzir do amor, do qual a razão se conhece no dar-se do ser, que é a característica do amor. Assim o ontos do ser humano é a amorosidade com a vida e na vida, na pertença com toda a existência em todas as criaturas.

Ética do viver amante e do ser amado

O ser humano descobre a sua dignidade humana tomando consciência de que seu ser está fundamentalmente marcado pela busca da sua interação afetiva, pois viver é amar seu ser, para amar os outros



como modo de ser que vitaliza o existir humano no mundo. Nessa perspectiva, o amor só é compreensível e determinável a partir do ser, de tal modo que a afetividade é do ponto de vista ontológico o lugar originário da identidade do ser, da qual brota a alteridade enquanto lúdica vivência propositiva de pertença no outro. O ser humano é capaz de sonhar (poder-ser) com seu viver, alias a vida humana é um poder-ser no maravilhar-se que cada um tem que tornar realidade. Quando falamos de realidade devemos entendê-la fora de uma intelecção conceitual, em que realidade esta aprisionada aos conceitos subjetivos da razão. Realidade não é em si mesma, mas o que chamamos de realidade é o encadeamento de relações nas múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que estão em articulação entre si e que nos interpela e interpreta. Realidade é a constituição de um mundo existencial que é constituída de multiplicidades. Assim buscar uma verdade das coisas, não é buscar dentro de si a verdade segura e absoluta do cogito cartesiano, mas voltar-se para os diversos meios da manifestação da realidade, sempre tendo como horizonte as intermitências do coração em sua descontinuidade. É dentro da lógica dos sonhos que vamos encontrar a manifestação da realidade do viver enquanto um constante poder-ser de um imaginário criador. (RICOEUR, 1996)

Para que o ser humano possa manter a sua vida alinhada ao viver ético é necessário que nos libertemos do acento posto à ética enquanto moral dos comportamentos (BOFF, 2003: 37), e passemos para uma ética do viver amante e do ser amado. Para isso é necessário que possamos tomar como horizonte do viver humano a sua realidade enquanto ser-



sendo.⁷ Enquanto ser-sendo, esse humano é um viver para o poder-vir-a-ser. (HEIDEGGER, 1995: 23-84)

A realidade humana é uma realidade do desejo-de-ser.⁸ Nossa civilização ocidental transformou nosso viver num desprezo pela paixão de viver, e pelo desejo-de-ser, acentuando o controle racional sobre o ser, para poder explorar o viver como apossamento egóico do ser no dever-ser.⁹ Ao efetivar esse controle transformou-se a paixão em necessidade de meros impulsos bio-psíquicos, e uma redução do desejo a mera satisfação.

O não interpretar das paixões e dos desejos fez com que se olhasse o humano a partir da razão. Paixão e desejo são algo que devemos dominar para poder nos conquistar, isso é: para que eu possa ter a posse de si mesmo enquanto autocontrole do viver. Veja que essa posição se encontra afirmada no apossamento egóico do sujeito que tem o controle do mundo e de si.

É necessário que olhemos a existência humana na poesia de um desejo-de-ser, na qual o ser humano é buscado enquanto um viver amante, de interação para com o amado. O que é o ser amante? Amante é abertura que desvela o ser e dispõe ao viver um canto de reciprocidade, para um educar a vida na interação pertença com outro, assim poderemos descobrir do existir em “meu” viver a possibilidade de ser, no qual se mantém sempre alinhado o amor ao nosso viver, na busca constante um

⁷ O ser-sendo é a condição existencial do viver humana em sua constante possibilidade de ser. Não temos uma natureza humana, sim a condição de possibilidade de autocriar o nosso viver no modo do poder-ser.

⁸ Para Espinosa o ser humano é esforço de existir: Canatus. (ESPINOSA, 1992: 377-382)

⁹ Aconselhamos a leitura: (FROMM, 1977)



do outro. Ser e amor são no viver um só. Compreendendo um só, não como identificação essencialista do mesmo, mas pertença interativa, em que o ser, se funda em sua sempre pertença na transcendência da sua outridade. Toda a vida afetiva radica no ser, ou seja o ser é a condição de possibilidade do nosso desejo-de-ser. É no manifestar da beleza de se viver no tocar a magia amante de viver no mistério que o outro é, e que eu também sou, onde se manifesta o florescer da vida, lugar originante da fonte do ser. Na beleza encontramos o sentido da vida. No belo alumbramos a dignidade humana e de tudo que existe em todo o cosmos. Mas, qual é essa dignidade? Um viver no constante buscar o sentido da vida, enquanto nosso poder-ser, que emana da interação com a vida.

Assim o critério para interpretar a beleza não são as formas conceituais simétricas do belo, e sim a faculdade por excelência da condição humana no mundo. A miséria desumana promovida pela fome e injustiça social e desequilíbrio ecológico em todos os âmbitos, nos faz perceber que a pobreza que vemos crescer em toda parte do mundo em nossos dias é um apelo da beleza que expurga a rapinagem de alguns em benefício de uma beleza mercadológica que provoca a fealdade do belo. A beleza é o desvelamento do ser. E esse se manifesta, onde é possível se auscultar os sentidos, o pensamento e a vida interior, em cada um de nós existentes no mundo.

O belo sugere um rosto. O rosto pressupõe um olhar, que exerce sobre nós um apelo, um chamado de interação participativa na pertença, que se converte em atividade de vida, que se encontra e se abre ao diálogo amante com o outro. (LÉVINAS, 1984: 27-50) Pois, a beleza é o delírio do amor. E ele afra em nossa existência.



Desse modo descobrimos a ética como filosofia do amor-ser, onde cada um é chamado a desvelar seu ser. A moral, já há algum tempo, tem levado as pessoas a não se encontrarem umas com as outras, pois, a racionalidade objetiva põe as relações dos humanos como prêmio ou castigo, e se esquece que a vida humana é fundamentalmente busca de realização de si mesmo no outro, do humano que habita em mim e do outro que partaja o meu viver na amorosidade do poder-ser, desvelador da nossa humanidade.

O ser humano é chamado a encontrar seu ser na interação do amor para com outros, podendo assim, cada vez mais, ser as relações atitudes amantes, um viver aberto ao outro. Para isso, é necessário que não tenhamos medo de nossos afetos, e que procuremos em nosso viver, cada um aprender a hermenêutica do amar-ser¹⁰, para que assim, as nossas vidas possam ser uma expansão de transcendência, e não uma forma de ação penalizada por sistemas de valores que desconectam o nosso viver de nossa interação com o próprio ser, numa conceitualização transcendental do mundo. (FROMM, 2000: 9-69) Pois o ser humano só é plenamente humano quando, na abertura à liberdade, busca a sua interação com outro, que é a sua descoberta de plenas potencialidades do seu vir-a-ser na relação com o outro. Lembramos que liberdade é no fundo, ou seja nossa determinação para o bem, ela é tanto maior quanto maior é nossa ligação ao bem, que funda o nosso poder-ser, no partejar de nossa humanidade. (AGOSTINHO, 1995)

¹⁰ Conjugação do verbo ser é sair da predicação do substantivo ser. Amar é verbo que atinge a sua declinação plena no amar-amado, no gerúndio.



A problemática da nossa civilização ocidental é que a nossa filosofia não tolera a vida afetiva, e só reconhece essa para justificar sua repressão e condenação, enquanto as emoções são chamadas de instinto¹¹. A filosofia ocidental justifica que a razão pode e deve dominar o afeto, procurando com isso, sua própria autocondenação nas relações com as coisas e as pessoas. A repressão dos afetos vividos e sentidos implicam em todos esses sistemas de valores que aí estão: numa desumanização do humano. Em vez de educá-lo para viver em seu humano viver, faz com que, cada vez mais, despotencialize seu ser, esquecendo-se da sua interação com o viver do ser humano propriamente dito na relação com os outros. (REALE, 1990: 125-170)

A ética não tem objeto de estudo, tem sujeitos humanos que a realizam na busca de sentidos para o seu viver. O sujeito da ética é o ser humano, filosofia intersubjetiva por excelência, portanto, gestadora de sabedoria para o seu viver. Na ética, o sujeito humano é sujeito, porque está sendo humano e cada vez mais é protagonista do seu caminhar, do seu voar e do seu bailar em seu poder-ser do existir no mundo.

O ser humano está procurando continuamente seu ser, universo significativo que lhe dê sentido para o viver. Sabe que poderá utilizar-se da razão, sempre que necessário, porque ela integra seu ser e emerge do ser. Separar o afeto do racional é entorpecer suas relações para consigo mesmo e com os outros é embotar da vida. A razão que domina e anula sua carga mística de se doar à verdade, é método tirânico, ocupa o lugar

¹¹ Instinto é tudo que está ligado ao mundo do sensível, e esse é aparência e ilusão, conforme a tradição platônica, que arrastou o ocidente cristão a um privilegiar das coisas intelectivas e espirituais. Entendendo o espiritual com algo metafísico, fora de nós, que se é atingido pela renúncia das paixões.



que lhe corresponde no tabuleiro dos instrumentos técnicos, e nada mais. (KUTSCHEAAUER, 2003: 35 ss)

Procurar uma ética do viver, a partir das dimensões amantes do ser humano, nos coloca nas profundezas de pathos¹². Pathos é energia dos impulsos, que se configura em forças fisiológicas, psicológicas, intelectuais e espirituais, distribuídas em fatores existenciais, que vão se manifestando em comportamentos concretos, podendo, assim, ser identificado em nossas ações. Com o eros amante do viver trazemos a vitalidade da vida no respeito as motivações de cada ser que se encontra no sentido do ser. Se a origem e a força do viver estão em pathos, a força do ser é energia de amor na temporalidade, vitalidade amante que se questiona na interpelação manifestante do ser. Amor e tempo se articulam e não se separam, pois o tempo manifesta a força do ser em eros, nas suas múltiplas manifestações do desvelar do ser.

A metafísica das ciências e dos valores tem a palavra do presente, a ontologia do ser vocaliza a perscruta da palavra no futuro. A filosofia do amar-ser traz, do passado ao presente, a força originária do viver para um futuro como expressão do ser. A ciência, herdeira da metafísica, não foi muito feliz nas suas interpretações de domínio do humano sobre as paixões, em virtude da imensa carga de interesse de manipulação da existência e, também, por não ter suficientes subsídios para a interpretação do ser em seu nos interpelar. A Hermenêutica do ser-aí, manifesta no amar-ser está, à espera de uma compreensão cada vez mais originária e originante que seja desveladora do sentido do viver.

¹² Pathos é energéia, para os gregos fonte vital da vida humana em sua totalidade de ser.



Eros é uma palavra que desvela significados muito importantes. (BOFF, 2003: 27-62) Ela gera uma família de termos interligados num intersubjetivo referente à interação erótico, erotismo, palavras ligadas ao comportamento, quer dizer: derivados e relativos. Pathos apresenta termos também significantes: empatia, simpatia, apatia e patético. Eros emerge na vida humana enquanto aproximação entre intersubjetividade dos humanos entre si, ele é alteridade. Eros é significação de todo modo de ser, pela relação entre intersubjetividades significantes. Despertar essa relação é despertar o valor para o sujeito como modo de ser, mesmo que em si conserve seu significado, em qualquer espaço e tempo no universo. Eros e Pathos dizem que os valores não podem ser entendidos como valorar um comportamentos, mas como atitude, geradora de vida. Se o ser humano em seu momento existencial não percebe o valor como modo de ser, o valor deixa de ser valor: uma atitude, e passa a ser controle moral sobre as pessoas. O ser humano que ama, pretende organizar a sua intimidade e a sociedade, utilizando-se das bagagens naturais, e das circunstâncias que movimentam o afeto, tanto individual como coletivo. (FROMM, 2000: 9-69)

É dentro da perspectiva do Eros que a escolha se torna uma atitude, um modo de ser. O ser leva o humano a um estado de excelência, dando, assim, um sentido norte orienta e organiza o sujeito humano à vida, é o que os gregos chamavam de aretê, os romanos chamavam de virtude. (MORA, 1994: 3704-3707) A civilização romana foi tão luxuosa de poder, que conseguiu reduzir e submeter seus próprios deuses e até os deuses dos outros. Porque o mundo estava composto por romanos, e pelos outros, que estavam para ser dominados dentro de um esquema de



canibalismo simbólico de valores. O animal racional que forma a civilização ocidental ocupa-se, por essa via, que retarda e faz sofrer, de forma filosoficamente concreta, ao humano, impedindo e tratando de destruir seu vir-a-ser humano, em seu significado mais profundo, o poder-ser de amar-ser. É na pertença, que encontramos o estado de autenticidade, onde as emoções não são tão dominantes, e o afeto pode manifestar-se como sentir-pensar no humano, pelo prazer de ser e estar no mundo, na magnitude do viver. (KUTSCHEAAUER, 2003: 40 ss) A paranóia da civilização ocidental é assim desmascarada, onde parâmetros uniformes não são mais necessários, surgindo a esperança da possível participação de todos na interação de uns com os outros na pertença do amar-ser.

Quando o ser humano se entrega ao seu sentir-se ser, e, sem medo de amar-se, descobre que a sua relação com os valores é o modo de ser, e estão alinhados a uma perspectiva do vir-a-ser humano, e não de um sistema de valores que aprisionam o comportamento humano em uma atitude de desumano viver, o sujeito da ética é o ser humano. O ser humano é o protagonista consciente de seu caminhar, do seu voar, do seu fazer-se na história; e ele pode ser protagonista trágico ou cômico, pode ter equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco. (TARNAS, 2000: 31-85) Em nossa finitude encontra-se o frágio das pulsões.

Partindo de uma hermenêutica do amar-ser amante, a expressão verbal correta para se falar do próprio caminho humano no universo é: o caminhar do humano é a dança do eu e tu, a dança do nós, na qual, a partir de uma cadência ritmada de sucessivos ritmos podemos procurar uma interação intersubjetiva para o nosso viver, onde a atitude



fundamental do existir está na concretização do viver humano, enquanto poder-ser na construção do seu modo de ser. Portanto, a excelência da virtude pode ser considerada uma perspectiva ética que está sublinhada, a partir de relações intersubjetivas significantes, para uma transcendência de si no outro de si-mesmo. (RICOEUR, 1991: 11-38) O ser humano passa a manifestar-se em forma de horizontes em seu viver, onde a cada momento vivido é na amorosidade com o diverso de si, que encontramos o sentido do viver.

O ser humano, integra-se à realidade do existir, dentro do seu espaço e tempo cotidiano, não há outra possibilidade de transcendência fora da fronteira do tempo, nosso existir é temporalidade. (HEIDEGGER, 1989: 103-135) O viver humano tem sua condição de possibilidade na transcendência do viver que são manifestadas no seu cotidiano. O ser humano transcende a dimensão do racional, ultrapassa o horizonte dos projetos objetivos, traduzidos em sistemas de valores. Na perspectiva hermenêutica do amar-ser, o ser humano ultrapassa a esfera do meramente racional para que o seu viver possa estar dentro da esfera intersubjetiva, na qual ele confere a seu viver metas, isso é, sentidos e significados ao seu vivido na existência, permitindo que seu ser no mundo seja partejado com liberdade própria, uma liberdade, com tudo que é, liberdade com outros, na comunhão efetiva de interações comuns e circunstanciais, para ações interativas e não apenas objetivas. Afetivamente o ser humano é um ser de significados que vive constantemente a procura de sentidos para o seu viver.

Falar de uma vida humana a partir de metas é ter a consciência que metas não se fabricam, nem se encontram em prateleiras e livrarias,



em supermercados, em salas de aula, porque metas são destinação interior, estão na liberdade do sujeito amante, a serem descobertas e perseguidas¹³. O ser humano é peregrino do Eros amante.

A meta é um estado unitário em cada ser humano, onde se encontra o desenvolvimento expansivo da consciência do sujeito; não se trata de um estágio a ser atingido segundo um conceito linear do tempo, ela é a manifestação do poder-ser no tempo de um viver no linear de horizontes de expectativas sobre um espaço da vida em expectativas: é o sentido da vida. Meta é metamorfose. Meta é tudo aquilo que provoca transformações históricas no viver humano. Em termo existencial cristão é conversão. Mas, para haver conversão é necessário a liberdade do sujeito amante. As mudanças exigem liberdade e libertação, soltura interior, dos sistemas de valores, caso contrário a conversão fica maquiada no arrependimento, e o arrependimento elucida a culpa, por não atingir os valores propostos pelo sistema do dever-ser. Metas, habitam a região do ser, a liberdade e a libertação. O arrependimento é desencargo de consciência diante dos valores, e nos leva ao plano psicológico do ego dilacerado pela culpa. As transformações que correspondem a mudanças existenciais significativas mantêm, em seu bojo, a hermenêutica do amor-ser enquanto transcendência, numa atitude de desvelamento de si próprio como outro, na qual a meta é a potência da sua própria transcendência, é o despojamento de si mesmo para o viver intenso na

¹³ Metas é uma construção histórica e não metafísica de uma razão calculante. (BONI, 1996: 548-560)



intersubjetividade que está relacionada ao todo da pertença do seu viver, numa profunda interação com a vida, em seu todo de viver no mundo.

Viver aprisionado às dimensões objetivas de uma racionalidade valorativa elimina as metas, isso é o sentido do viver enquanto conversão. Onde as metas são substituídas por sistemas objetivos de valores com aparência de argumentação criando normas para o aparecer do dever-ser de todos. (OLIVERA, 2000: 65-77) A moral, então, aparece à humanidade, tratando o ser como ser subjetivados em valores: é a coisificação do humano em sua humanidade aprisionado a sistemas categóricos de uma moral fundamentada no dever-ser.

Os sistemas morais que estão alicerçados sobre a moral do dever-ser tendem a valorizar, única e exclusivamente a uns, favorece uns poucos, enquanto prejudica a muitos outros. Essas formulações de vida, baseadas no anúncio de modelos de vida, sempre têm como instrumento o poder e o direito de invadir e anular a vida dos outros seres humanos em seu poder-ser, para ajustá-los aos padrões do dever-ser. Criando entre os seres humanos uma hierarquia de pessoas: os certos e os errados. (FROMM, 2000: 113-165)

Em uma hermenêutica do amar-ser, A vida é existência, que o próprio homem cria, conjuga, em estado unitário das adversidades vividas. Essa vida que se é vivida, dentro de uma hermenêutica do amar-ser, faz do agir ética uma interação prática da interioridade do ethos no agir transformador, em que comportamentos concretos são autoconduzidos por uma manifestação harmônica de interação do ethos amante, na hermenêutica do amar-ser, onde o agir é conduzido na alteridade do afeto, união existencial com todos os outros.



É dentro de uma perspectiva hermenêutica do amor-ser que podemos falar da ética como fonte da autocriação desse humano em sua historicidade, onde o viver humano está profundamente marcado por essa busca constante do seu vir-ser, que desvela em nosso viver o universo de sentidos e significados que nos possibilitam a cada um, em nosso viver, cada vez mais poder-ser. É na hermenêutica do amar-ser que a ética é enxertada na história pessoal de cada ser, como esse referencial: o ser humano em vez de apropriar-se dos conteúdos das suas ações, está interpretando interpelando as suas ações para que possa em seu viver, cada vez mais humanizar desvelar o seu ser. O interpretar interpelar das ações possibilitam o desvelamento dos sentidos, e é aqui que emerge toda a força das ações, como interpeladora interpretadora do viver humano no mundo.

As relações humanas norteadas pelo amor são ações que trazem ao viver humano, cada vez mais, a potencialidade da vida enquanto modo-de-ser pelo qual nós mergulhamos no ser do nosso poder-ser, processo de possibilidade do desvelamento da nossa humanidade.

A ética do amor-ser é uma ética que está fundamentalmente marcada pela afetividade da interação mútua dos seres humanos, de uns para com os outros e com todas as criaturas vivas, na qual a prioridade é possibilitar as pessoas a vivenciarem o prazer de amar e tomar seu ser como atitude humana, que vela o bem de todo o ser. (KUTSCHEAAUER, 2003: 40 ss)

O moralismo expressa a moral do dever-ser, ocupa-se muito em reprimir o prazer, condena as pessoas, mas, raramente toca no sentido do viver a partir do poder-ser. Quando fazem, se ocupam mais das



figuras abstratas de poder, como por exemplo, o poder do estado e da religião, do que no poder das pessoas, que exercitam em seu viver o poder de ser. (FOUCAULT, 2000)

Ao longo da história da filosofia, a tendência é uma visão individualista do poder. Porém, a luxúria do poder só pode existir quando personalizada. De fato, em todo e em qualquer organização humana, o poder sempre é personalizado. Em todas as expressões que historicamente manifestam o poder, ele está sempre personalizado, se encontra arraigado no seio de alguém que quer manipular toda humanidade, quer dominar a sensualidade do outro como forma de impedir o impulso libertador que liberta os povos e pessoas para o encontro com seu humano viver.

Partindo de uma hermenêutica do amor-ser, podemos falar do sentido solidário do viver. O amor integra o universo, articula os povos, permeia as relações de afeto e faz com que a vida se torne vida de uns para com os outros, enquanto transformação de possibilidade, em que a máxima do viver é o amor pelo outro, que nos desvela enquanto potencialidade de ser. (ARDUINI, 2002: 115-125)

Falar de uma hermenêutica do amor-ser do agir humano na amorosidade é possibilitar o interpelar-se interpretar-se no ser. Só através dessa hermenêutica interpelante interpretante que poderemos falar de dignidade humana e de espírito digno, que se abre à unidade na diversidade, para poder, a partir da sensibilidade existencial, ver que uma ética do amor-ser tem como fonte originante a interação-pertença do outro, porque o outro não é para ele um ser substantivo, separado de si, mas o outro é o seu amar-ser. Só assim mergulhamos no centro da



interioridade do humano; ou, de forma mais poética, podemos dizer: A sensibilidade existencial, expressada pela via do afeto no partecio do ser, é simples. E esta simplicidade, é o estado de consciência expansiva afetiva, própria da construção do amar-ser, pois o humano, só existe na abertura para a liberdade, e essa é compreendida pela dignidade participativa como os outros.

O amor nunca é nem o amante nem o amado, mas o desejo-de-ser. O amor, não é uma posse do homem egóico, mas uma disposição do humano no desvelar o ser. Assim, o amor-ser é nossa condição de possibilidade, para que seu ser se potencialize do outro, para poder, ser e estar no mundo pelo prazer de si em sua outridade de plena alteridade. É mergulhado na magnitude do viver, na disposição autêntica para o próprio viver em sua outridade que participamos do mistério, de uma amorosidade de si mesmo para com os outros. (ARDUINI, 2002:115-125) Uma hermenêutica do amor-ser faz com que compreendamos a ética enquanto convocação participativa pelo amor, onde a vida é manifesta no fazer-com; um fazer para o outro de si, um fazer que é genuinamente, um amor; o amar é ser-como, ser-em. (BONI, 1996: 548-560)

Os seres que visam na amorosidade do viver, o apossamento das pessoas são inautênticos em seu viver, pois ofuscam seu ser no mundo. São pessoas que são forjadas pela cultura, e, muitas vezes, se apresentam: arrogantes, vaidosas, soberbas, e outras muitas, são agressivas, tanto quanto for necessário para a afirmação do seu apossamento do outro. Acontece que quem não conhece a sua dignidade de amar-ser, não tem condições de reconhecer a do outro; quem não conhece a sua dignidade, teme e agride o outro, porque tem sempre medo



de perder o poder do prazer e posse, do ser do outro. Na relação existencial não participativa o outro é uma ameaça. A dignidade do ser humano é poder se perceber por ser dignidade participativa na pertença. Nela é manifesta a liberdade de ser e de expressar a sua auto-identificação num constante vir-a-ser da pertença.

A partir de uma filosofia hermenêutica do amar-ser é possível interpretar o agir humano para que se possa falar de responsabilidade ética. Sem a liberdade de ser não há responsabilidade. A liberdade de ser é condição fundamental para toda a filosofia que busca refletir as ações humanas, na perspectiva de ajudar a encontrar sentidos e significados para o seu modo-de-ser, no mundo em seu constante poder-ser. (CHAUÍ, 1995: 357-366)

A ética do amar-ser nos convida a olhar que a dignidade humana se encontra na amorosidade do viver, condição de possibilidade para a vivência ética alicerçada e fincada na dignidade participativa e pertenciva do ser humano, na sua interação com os outros. Para que o ser humano venha a exercer sua integridade ética é necessário proporcionar a vivência da liberdade participativa que gera responsabilidade e amorosidade ente os seres humanos. (KUTSCHEAAUER, 2003: 24 ss)

A moral vigente não pode servir de modelo para a transformação exigida por nós hoje, em nossa sociedade. Nesse sentido, a moral vigente não passa de algo já ultrapassado. E como pode o que já passou possibilitar crescimento humano, ser digno para a construção participativa?

A moral tradicional vive por ser subsidiária, da submissão e omissão, passando a ser só um capítulo da investigação ética, pois a sua



fundamentação não é capaz de promover estados conscientes de consciência participativa, e sim, conduz a identidade humana a identificações presas das imagens de si e do outro através de códigos de valores. Nessa mentalidade os seres humanos são cópias culturalmente deterministas, portanto, honestamente, trata-se de uma investigação para ser conduzida pela psicologia individual e social como portadora de neurose e outras patologias. Na moral tradicional o ser humano é animal racional, não passa de biologia falante, um mero aglomerado de organismos invisíveis.

A ética do amar-ser é auto-identificação. É saber conhecer-se, é libertar-se do ser apenas homem e torna-se humano. É poder encontrar o sentido de uma grande vontade pelo viver no manifestar da beleza. É ser convidado, em sua abertura amante, a comprometer-se cada vez mais, com o ser de todo viver para poder-ser. Dentro dessa perspectiva podemos dizer: somente a partir de uma postura amante é que podemos falar de uma ética, e assim compreender o ser do comportamento através da pessoa que expressa a afetiva relação de pertença, isso é, participação consciente de um estado de ser com a realidade, em procura continuada pela sua alteridade.

A verdadeira libertação é participativa. Enquanto a moral submete e esmaga, a ética se abre para uma libertação participativa amorosa e ativa para conviver com o outro. A moral exige que o ser humano tenha uma existência organizada por aqueles padrões, sustentados em virtudes, através dos sistemas de valores e crenças que a sociedade condiciona às mórbidas peripécias do poder.



A ética se ocupa em estudar a participação no desenvolvimento próprio da sociedade, isso é, exclusivamente em função de uma expansão do modo de ser consciente da humanidade, enquanto viver amante que desperta seu viver à participação pela totalidade do ser outridade em todas as criaturas vivas. Falar da ética a partir do que ela é mesmo, enquanto ética do poder-ser expressa no amor-ser, é promover novas aberturas de possibilidades inventivas de abordagens, onde o ser humano é tomado como modo de ser próprio o si mesmo como um outro, em toda a extensão do cosmos, em sua integridade que manifesta o seu poder-ser enquanto modo-de-ser no mundo. A característica fundamental da ética é, e continuará sendo, a presença do sujeito humano na participação comunitária, na interação intersubjetiva entre o que é, e o humano a ser construída pelo ser humano em seu poder-ser. Por isso a ética está alicerçada a uma perspectiva de participação e de interação dos humanos entre si e com todos os outros seres vivos, onde o fundamental do comportamento ético não são as adequações das pessoas aos valores constituídos, mas, como a partir das atitudes das pessoas, podemos interpelar-interpretar o seu ser para desvelar o seu poder-ser na amorosidade por todas as criaturas vivas. A ética é da região da ação do ser, só o ser sendo tem a capacidade de integração de psique, soma e pneuma, totalidade do viver humano em seu modo-de-ser no mundo, em que a colaboração interpretativa incide nas relações do indivíduo com as circunstâncias da sua integridade e da sua alteridade. Tudo isso significa um trabalho interpelativo e interpretativo como crítica dos valores constituídos, que não são negados, mas neles se escondem a inteireza da dignidade humana do seu poder-ser.



REFERÊNCIAS

ARDUINI, Juvenal. (2002). **Antropologia: ousar para reinventar a humanidade**. São Paulo. Paulus.

AGOSTINHO. (1995). **O Livre-Arbítrio**. São Paulo. Paulus.

ARISTÓTELES. (1976). **Ética a Nicômaco**. São Paulo. Victor Civita.

BONI, Luis. (1996). **Finitude e transcendência**. Petrópolis. Vozes.

BOFF, Leonardo. (2003). **Ética e Moral**. Petrópolis. Vozes.

CHAUÍ, Marilena. (1995). **Convite a Filosofia**. São Paulo. Ática.

ESPINOSA. *Ética*. (1992). **Lisboa**. Relógio d' Água.

FOUCAULT, Michel. (2000). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal.

FROMM, Erich. (1977). **Ter e ser**. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (1978). **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro. Zahar.

_____. (2000). **A arte de amar**. São Paulo. Martins Fontes.

FEUERBACH, Ludwig. (1998). **A Essência do Cristianismo**. Campinas. Papirus.

GALANTINO, Nunzio. (2003). **Dizer Homem Hoje**. São Paulo. Paulus.

HEIDEGGER, Martin. (1989). **Ser e Tempo**. Petrópolis. Vozes.

_____. (1995). **Sobre o Humanismo**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.



KUTSCHEAAUER, Hugo. (2003). **A Ética do Amante**. Salvador. ARCADIA.

KANT. (1974). **Crítica da Razão Pura**. São Paulo, Abril Cultural.

LÉVINAS, Emmanuel. (1994). **Transcendência e Inteligibilidade**. Lisboa. Edições 70.

MORA, Ferrater. (1994). **Dicionario de filosofia**. Barcelona. Ariel.

MARX. (1984). **A Ideologia Alemã**. São Paulo. Moraes.

OLIVERA, Manfredo. (2000). **Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea**. Petrópolis. Vozes.

RICOEUR, Paul. (1991). **O Si-Mesmo como Outro**. São Paulo. Papyrus.

_____. (1996). *Do Texto à ação*. Porto. Rés.

REALE, Giovanni. (1990). **História da Filosofia**. São Paulo. Paulinas.

ROSTAVTZEFF, M. (1977). **História de Roma**. Rio de Janeiro. Zahar.

SUNG, Jung Mo. (2001) **Conversando sobre Ética e Sociedade**. Petrópolis. Vozes.

TARNAS, Rihard. (2000). **A Epopéia do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

THOMAS, Ransom. (1989). **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo, E.P.U.

TEIXEIRA, Evilázio. (1999). **A Educação do Homem Segundo Platão**. São Paulo. Paulus.